

# O PROCESSO DE SECUNDARIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO FEMININA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Lays Hesse Andrade Silva<sup>1</sup>

## Resumo

A força de trabalho feminina na sociedade capitalista é subjugada e vista como secundária. No entanto, quando o sistema encontra dificuldade em manter sua reprodução, a mão de obra feminina é demandada. Este artigo visa discorrer sobre a secundarização da força de trabalho feminina. Dando enfoque aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, período de grande desenvolvimento da produção industrial norte-americana e expressiva expansão da oferta de trabalho.

**Palavras-chave:** força de trabalho feminina; divisão sexual do trabalho; gênero; mulher; Segunda Guerra Mundial; Estados Unidos.

## Abstract

Women's labour force in capitalist society is subdued and treated as secondary. Then, when capitalism finds it difficult to maintain its cycle, women's labour force is demanded. This article objective is to show the process of secundarization of women's labour force during the World War II, specially in the US, which had a major increase of its production and its labour market at the period.

**Key words:** Women's labour force; sexual division of labour; gender; World War II; United States.

---

## 1. Introdução

O papel da mão de obra feminina no mercado de trabalho é subjugada e vista como inferior à masculina. O processo de secundarização da força de trabalho da mulher - que acontece quando essa é tratada pelo mercado como uma substituição do homem na produção - é visível muitas vezes ao longo da história. Em momentos de crise e guerra, a demanda pela força de trabalho feminina é fortemente expandida, devido à ausência de figuras masculinas. Todavia, logo após a reestruturação das condições econômicas, essa mesma força é mandada de volta ao seu lugar de origem - nas atividades domésticas, de cuidado e de reprodução.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Economia/Ufes)

Este artigo tem como objetivo mostrar como esse processo ocorreu na década de 1940 nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o papel do país na dinâmica internacional era de fornecedor de tropas militares, de produtos industriais e grande exportador de capitais. Sendo assim, a expansão da produção e o alistamento obrigatório masculino permitiu que o postos de trabalho dificilmente preenchidos por mulheres fossem abertos a elas. Com o fim dos confrontos, entretanto, houve a retomada da estrutura prévia, as mulheres que tinham sido empregadas nos trabalhos masculinizados foram forçadas a retornarem ao estado anterior<sup>2</sup>.

O artigo se divide em três principais partes. Primeiramente, há uma breve exposição do esforço de guerra norte-americano, mostrando o crescimento da produção, abertura de postos de trabalho e a grande necessidade de mão de obra, já que muitas tropas foram enviadas à Europa. Logo após, conceitua-se a secundarização da força de trabalho de acordo com a visão exposta por Lais Abramo em sua tese “A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?”. Finalmente, discute-se o processo de secundarização durante a Segunda Guerra, mostrando como a força de trabalho da mulher foi necessária nos postos industriais e como, ao final da Guerra, houve a retomada dos papéis de gênero e a quebra das conquistas de espaços das mulheres.

## 2. O esforço de guerra norte-americano

Ao final da década de 1920, os Estados Unidos passaram por gravíssimos problemas econômicos. A enorme depressão sofrida após a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, levou o país a adotar medidas econômicas importantes. No início da década de 1930, o desemprego se encontrava em níveis altamente elevados, os investimentos sofreram grandes quedas e, juntamente a isso, a moeda norte-americana teve uma expressiva desvalorização<sup>3</sup>.

Na tentativa de retomar à dinâmica econômica pré-crise, o presidente Franklin D. Roosevelt formulou o *New Deal*, plano de recuperação econômica aplicado nos Estados Unidos. O *New Deal* definiu uma maior participação do Estado nas decisões econômicas, visando reaquecer a economia do país<sup>4</sup>. As principais medidas tomadas por Roosevelt envolveram, majoritariamente, os bancos e o sistema de crédito, a geração de empregos e as produções industrial e agrícola<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Abramo, 2007; Schweitzer, 1980.

<sup>3</sup> MAZZUCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras**. Unesp, 2009. p. 226 et seq.

<sup>4</sup> MAZZUCHELLI, 2009, p. 272 et. seq.; BELLUZZO; TAVARES, 2004, p 117 et. seq.

<sup>5</sup> MAZZUCHELLI, op. cit.

As péssimas condições econômicas norte-americanas e as tentativas de retomada da economia, que, muitas vezes, não se mostraram exitosas, fizeram os norte-americanos iniciarem uma grande onda nacionalista no período posterior à Primeira Guerra. Desse modo, ainda existindo resquícios de pensamentos patrióticos, durante a década de 1930, os Estados Unidos se mostraram neutros em relação aos acontecimentos na Europa. O Congresso estadunidense, com a aprovação do *Neutrality Act*, impossibilitou qualquer participação do país nos conflitos externos, com a justificativa de que o não envolvimento na guerra preservaria o futuro da nação<sup>6</sup>.

Após a invasão da Alemanha à Polônia em 1939, considerada o estopim para a Segunda Guerra Mundial, os principais países europeus que faziam comércio com os Estados Unidos, como Inglaterra e França, entraram na guerra definitivamente. Assim, os norte-americanos não conseguiram mais manter sua condição de neutralidade pré-estabelecida<sup>7</sup>. Apesar de ainda não participarem ativamente dos confrontos, os Estados Unidos iniciaram políticas de apoio aos aliados, como o *Cash and Carry*, que consistia em fornecimento de suprimentos à Inglaterra e à França, com a condição de que os pagamentos fossem à vista e de que os países ficassem responsáveis pelo traslado das mercadorias<sup>8</sup>.

Sendo a falta de preparação militar um dos principais argumentos contra a entrada do país na Guerra, em 1940 iniciou-se uma modesta expansão dos gastos militares, como forma de se preparar para algo que se tornava inevitável naquele ponto<sup>9</sup>.

Com a entrada formal dos Estados Unidos nos enfrentamentos, especialmente após os ataques japoneses a Pearl Harbor em 1941, os gastos militares tiveram crescimento expressivo, passando de 1% do PNB em 1939 para 16% em 1941<sup>10</sup>. A produção bélica norte-americana, derivadas de investimentos público e privado, expandiu-se fortemente. Tal produção era responsável por fornecer grande parte dos armamentos utilizados pelos aliados, que, nesse momento, estavam profundamente vulneráveis e incapacitados de desenvolver uma produção bélica expressiva, sem precedentes<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. JESSUP, Philip C. The "Neutrality Act of 1939". *The American Journal of International Law*, v. 34, n. 1, p. 95-99, 1940.

<sup>7</sup> MAZZUCHELLI, op. cit. p. 398-401

<sup>8</sup> Ibidem, op. cit. p. 400

<sup>9</sup> Ibidem, op. cit.

<sup>10</sup> OVERY, 1974 apud MAZZUCHELLI, 2009, p. 403

<sup>11</sup> MAZZUCHELLI, op. cit. p. 400 et seq.

Nesse período, houve um grande incentivo para o aumento da produção norte-americana. Foi possível avaliar que,

Nos três anos que se seguiram ao ataque de Pearl Harbor, o desempenho da economia norte-americana foi extraordinário: entre 1941 e 1944 o PIB cresceu 37%, e neste último ano não havia mais do que 670.000 desempregados em todo o país, representando apenas 1,2% da força de trabalho. (MAZZUCHELLI, pág 403, 2009)

A expansão da produção não se deu apenas pela transferência de recursos das plantas de bens duráveis para a indústria bélica, mas sim, principalmente, pela geração de novos postos produtivos, ao contrário do que aconteceu na grande maioria dos outros países envolvidos na Guerra<sup>12</sup>. Como apontado por Richard Overy<sup>13</sup>, a Guerra deu um novo gás aos investimentos norte-americanos, incentivando, assim, a elevação do consumo, visto que, com a diminuição do desemprego, a renda das famílias ampliou-se<sup>14</sup>. Após um período de depressão econômica profunda, derivado da crise de 1929, os índices voltaram a subir, mais expressivamente que na década anterior, e apontar para uma recuperação real do país.

A economia de guerra implantada nos Estados Unidos, fizeram a produção se concentrar em armamentos, suprimentos e matérias necessários para que a produção bélica avançasse<sup>15</sup>. Em 1940, a produção de aço, petróleo, alumínio e veículos dos Estados Unidos era maior do que a produção de todos as potências mundiais<sup>16</sup>. No mesmo ano, os resultados da economia norte-americana foi surpreendente, O PIB cresceu 37% e o desemprego caiu de 12% em 1938 para 1,2% em 1940, aproximadamente<sup>17</sup>.

O fato de os Estados Unidos disporem de um território cultivável e de recursos naturais abundantes, fizeram com que a substituição de produção não afetasse os suprimentos civis, suas exigências por alimentos e bens de consumo, visto que a agricultura do país conseguiu corresponder às necessidades das produções civis e bélica<sup>18</sup>.

---

<sup>12</sup> MAZZUCHELLI, op. cit.

<sup>13</sup> 1997, apud MAZZUCHELLI, 2009

<sup>14</sup> Segundo Mazzucchelli (2009, p. 404), entre 1941 e 1944, a renda *per-capita* cresceu 32% em termos reais

<sup>15</sup> MAZZUCHELLI, op. cit. p. 403

<sup>16</sup> Ibidem, op. cit. p. 403

<sup>17</sup> MAZZUCHELLI, 2009, p. 399-403

<sup>18</sup> Ibidem, op. cit. p. 404

No plano da produção,

A conversão da indústria automobilística para a fabricação de tanques, metralhadoras e aviões, através da aplicação de métodos de produção em massa, resultou em ganhos fantásticos de produtividade: em 1943, como exemplo, uma planta industrial produzia cerca de dez bombardeiros por dia. Em 1944, a Willow Run, de Henry Ford, chegou a produzir um bombardeiro a cada 63 minutos! O mesmo ocorreu na indústria naval: a standardização, a simplificação dos modelos e a aplicação das técnicas seriadas na fabricação de navios permitiu que o tempo médio de construção do chamado *Liberty Ship*, que, de início, consumia 355 dias, caísse para 41 dias, tendo alcançado a marca recorde de 8 dias! (Overy, 1997: 193-7; Fearon, 1987: 274). Em 1943, a produção de aviões pelos EUA foi mais de duas vezes superior à da Alemanha e Japão juntos; em 1944, a produção de navios foi mais de dez vezes superior à do Japão. (MAZZUCHELLI, 2009, p. 405)

Devido à isso, as oportunidades de trabalho cresceram exponencialmente, especialmente nas indústrias manufatureiras, fazendo com que muitos americanos deixassem o campo<sup>19</sup> e migrassem para a cidade para preencher esses novos postos disponíveis. Somado a isso, os Estados Unidos receberam uma expressiva quantidade de imigrantes originários, principalmente, de países assolados pela Guerra. Pôde-se observar que

Além dos que, naturalmente, alcançavam a idade para o trabalho, os desempregados desalentados (que sequer mais figuravam nas estatísticas do desemprego), os jovens, os aposentados e, sobretudo, as mulheres, – todos motivados pelas novas oportunidades de emprego - passaram a participar do esforço produtivo da nação. A guerra determinou, assim, o aumento da taxa de participação da força de trabalho. (MAZZUCHELLI, pág 408, 2009)

Para além de suplementos de guerra, os EUA enviaram milhões de soldados à Europa no período entre 1941-1945, totalizando 16,1 milhões de norte-americanos envolvidos diretamente nos combates<sup>20</sup>, o que representa, aproximadamente, 8% da população do país no período<sup>21</sup>. Sendo os soldados em sua maioria homens, visto que a obrigatoriedade do alistamento militar se estendia

---

<sup>19</sup> De acordo com MAZZUCHELLI (2009, p. 405), apesar do êxodo rural, a produção agrícola norte-americana cresceu 16% entre 1940 e 1944.

<sup>20</sup> Cf. WORLD WAR II FOUNDATION. **World War II Facts and Figures**. Disponível em <<http://www.wwiifoundation.org/students/wwii-facts-figures/>>

<sup>21</sup> Cf. CENSUS BUREAU. **A Look at the 1940 Census**. Disponível em <[https://www.census.gov/newsroom/cspan/1940census/CSPAN\\_1940slides.pdf](https://www.census.gov/newsroom/cspan/1940census/CSPAN_1940slides.pdf)>

apenas a eles, os postos de trabalho disponíveis foram preenchidos, em grande parte, por grupos que possuíam mais dificuldade de acessar certos ambientes.

### 3. A secundarização da força de trabalho feminina

O papel da mulher no mercado de trabalho é historicamente visto como secundário<sup>22</sup>. Notoriamente, os postos de trabalhos feminizados possuem valor social inferior aos masculinizados<sup>23</sup>. Essa questão é ancorada nas distinções de papéis de gênero<sup>24</sup>. Dentro da família, a figura masculina recebe a função de prover e sustentar economicamente o lar, tendo, assim, a responsabilidade de chefiar a família, enquanto a figura feminina fica à serviço de manter a harmonia dentro de casa, sendo a ela destinadas tarefas domésticas e de cuidado<sup>25</sup>, reafirmando a relação entre o ser feminino e a vida doméstica, o que atua fortemente na perpetuação da condição de subordinação da mulher no patriarcalismo<sup>26</sup>. Desse modo, a inserção das mulheres no trabalho não é considerada a principal atividade exercida por elas, mas sim uma ocupação secundária, já que, socialmente, a obrigação de financiar a manutenção do lar é dos homens<sup>27</sup>. Como exposto por Abramo<sup>28</sup>,

[...] a inserção da mulher no trabalho é um aspecto secundário do seu projeto de vida, da constituição de sua identidade e de suas possibilidades reais, e ocorre basicamente em duas situações. Quando o homem (por definição o provedor principal ou exclusivo) não pode cumprir esse papel, devido a uma situação de crise econômica, desemprego, diminuição de suas remunerações, doença, incapacidade temporária ou definitiva ou outro tipo de infortúnio. Quando se trata de uma família na qual a figura masculina

<sup>22</sup> ABRAMO, 2007; SCHWEITZER, 1980.

<sup>23</sup> ABRAMO, 2017;

<sup>24</sup> “A categoria gênero determina que ser mulher e ser homem são construções sociais, erigidas a partir do sexo biológico dos indivíduos. Ao definir essa construção como social e histórica, essa categorização localiza o gênero no terreno das relações sociais e, a partir daí, permite referir-se às mulheres como coletivo ou grupo social” (COBO, 2005 apud MORENO, 2013)

<sup>25</sup> ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 16

<sup>26</sup> ALMEIDA, Isis Furtado; DE JESUS, Cassiano Celestino. **O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. BOLETIM HISTORIAR, n. 14, 2016. p. 6

<sup>27</sup> ABRAMO, **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

<sup>28</sup> ABRAMO, op. cit. p. 16-17

está ausente (por morte ou separação) e a mulher assume o papel de provedora por falta de outra alternativa. (ABRAMO, 2007, p. 16-17)

Nota-se a inserção secundária das mulheres no mercado de trabalho de diferentes maneiras. Primeiramente, há a interpretação da necessidade da mão de obra feminina como a ausência de uma figura masculina provedora - seja ela qual for, marido, pai, irmão -, significando que a ocupação dos postos de trabalho por mulheres é reflexo de uma desestruturação familiar<sup>29</sup>. Em segundo lugar, o tratamento do trabalho feminino como secundário é pautado na crença de que essa força é resultado da falta de mão de obra masculina no mercado<sup>30</sup>. Por último, quando os cargos são majoritariamente femininos, tais ocupações são, em grande parte, extensões de funções domésticas, as quais as mulheres são consideradas mais aptas à exercer<sup>31</sup>. Assim sendo, verifica-se que, na divisão sexual do trabalho, o papel destinado às mulheres é, fundamentalmente, baseado nas funções que elas desempenham dentro da esfera doméstica.

Desse modo, como apresentado pro Abramo<sup>32</sup> “[...] a inserção da mulher no mundo do trabalho, quando ocorre, seria também, por definição, uma inserção sempre complementar, eventual, instável. Em uma palavra, secundária”. Com isso, por comporem o denominado “setor secundário”<sup>33</sup>, as mulheres acabam ocupando espaços menos representativos, com remunerações menores, perpetuando, assim, a ideia propagada socialmente de que a mão de obra feminina tem menos valor do que a masculina<sup>34</sup>.

A justificativa dessa divisão se dá pela naturalização da noção de como a mulher deve se inserir socialmente e da formulação de um padrão de comportamento para os indivíduos do sexo feminino na sociedade capitalista. Tal padrão é baseado na concepção de família nuclear - marido,

---

<sup>29</sup> Sendo essa uma família nuclear - pai, mãe, filhos -, tendo o pai a responsabilidade de prover o lar economicamente e a mãe, de manter a ordem dentro de casa. Diferentemente da família inglesa durante a primeira revolução industrial, quando era comum mulheres e crianças trabalharem na indústria, mesmo em condições mais precárias e com um rendimento menor do que os homens. (HUBERMAN, 1936, p. 187 et. seq.)

<sup>30</sup> ABRAMO, op. cit. p. 17

<sup>31</sup> As funções onde há o predomínio de mão de obra feminina são, majoritariamente, relacionadas à tarefas domésticas e de cuidado. De acordo com a pesquisa sobre inserção das mulheres no mercado de trabalho apresentada pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o trabalho doméstico remunerado é composto 92% por mulheres. Ainda, segundo o Censo da Educação Superior de 2013, os cursos de graduação com a presença de mais mulheres são os de pedagogia, enfermagem, serviço social e psicologia, todos com características relacionadas ao cuidado e à criação.

<sup>32</sup> ABRAMO, **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

<sup>33</sup> Piore (1999 apud Abramo, 2007, p. 32-33) define a hipótese da existência de que o mercado é dividido em dois setores. Nessa divisão, Abramo (2007, p. 33) caracteriza o “setor secundário” como composto por trabalhos com menor remuneração, com baixas condições de trabalho e baixas ou nulas condições de avanço na carreira.

<sup>34</sup> ABRAMO, op. cit. p. 33

esposa e filhos -, sendo que, dentro dessa idealização, não há espaços nem funções a serem ocupadas por mulheres senão as domésticas, de cuidado e de reprodução.

#### 4. A mulher como força de trabalho secundária na Segunda Guerra Mundial

Analisando a secundarização da força trabalho feminina no caso da Segunda Guerra Mundial, pode-se observar um grande exemplo de como essa questão se aplica social e historicamente. Visto que, no esforço de guerra norte-americano, as mulheres foram demandadas para ocupar postos deixados por homens no mercado de trabalho e, ao final dos confrontos, houve, em grande parte, a restauração dos papéis de gênero<sup>35</sup>.

Em situações de crises e guerras, o papel da mulher é fundamental para a reprodução do sistema<sup>36</sup>. É visível que,

Durante o período da Segunda Guerra, ela [a mulher] experimenta uma maior participação na esfera pública, quando um grande contingente de homens foi deslocado para a frente de combate. Embora não convocadas para o alistamento militar obrigatório, as mulheres contribuíram para os esforços de guerra candidatando-se para as vagas de emprego abertas, por exemplo, nas indústrias bélicas. (ALMEIDA; DE JESUS, 2016, p. 10)

Nesse período, a renda das mulheres cresceu substancialmente, uma vez que, anteriormente, elas ocupavam postos com má remuneração. Em 1944 as mulheres ganhavam até \$20 por semana em funções caracterizadas como femininas - como garçonete e cabeleira. Já no trabalho industrial - em fábrica de maquinaria e fábricas de aviões -, que começou a ser ocupado por elas, os salários variavam entre \$36 e \$44 por um período de tempo equivalente<sup>37</sup>. Entretanto, mesmo com a melhoria salarial, as mulheres que se inseriam em ocupações masculinizadas, como os postos industriais, recebiam salários desproporcionais aos recebidos pelos homens<sup>38</sup>. Segundo Schweitzer<sup>39</sup>, "em 1937, a média salarial líquida das mulheres era pouco mais da metade da dos homens".

---

<sup>35</sup> SAFFIOTI, 1976; SCHWEITZER, 1980 apud DUARTE; GUIMARÃES; MENDES; MARTINS, 2016, p. 10

<sup>36</sup> ALMEIDA, Isis Furtado; DE JESUS, Cassiano Celestino. **O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. BOLETIM HISTORIAR, n. 14, 2016. p. 5

<sup>37</sup> SCHWEITZER, Mary M. **World War II and Female Labor Force Participation Rates**. The Journal of Economic History, v. 40, n. 1, 1980. p. 89-95

<sup>38</sup> SCHWEITZER, Mary M. **World War II and Female Labor Force Participation Rates**. The Journal of Economic History, v. 40, n. 1, 1980. p. 89-95

<sup>39</sup> Ibidem, op. cit. Tradução própria

A porcentagem de mulheres inseridas no mercado de trabalho norte-americano cresceu de 24,3% em 1940, quando os Estados Unidos ainda não haviam entrado na guerra definitivamente, para 32,9% em 1944, um ano antes do fim dos confrontos<sup>40</sup>. Tais dados mostram como a força de trabalho feminina é reivindicada em momentos de tensão e dificuldades econômicas.

No mesmo período, percebendo a necessidade das mulheres para o desenvolvimento da produção, o Ministério do Trabalho norte-americano iniciou campanhas para incentivar o ingresso delas na indústria e em postos que ficaram defasados com a ida de boa parte dos homens para a Guerra. Muitas dessas propagandas indicavam a mulher como substituição da força de trabalho masculina<sup>41</sup>. Por isso, após os confrontos e o retorno dos homens ao exército industrial, as mulheres foram indicadas a retornarem às suas funções “originárias”, como cuidadoras da família e do lar<sup>42</sup>.

Ao fim da Guerra, as indústrias armamentícias reestruturaram suas plantas produtivas, já que a produção bélica perdera demanda. Ao retomarem os trabalhos de produção, o emprego de mão de obra feminina na área retraiu, caindo próximo aos níveis pré-Guerra<sup>43</sup>. Em 1945, a quantidade de mulheres empregadas apresentou crescimento de aproximadamente 18% em relação aos números de 1940. Entretanto, essa condição é atribuída ao aumento das ocupações tradicionais - trabalhando como secretárias, vendedoras e outros serviços -, que, no período anterior, já eram compostas majoritariamente por mulheres<sup>44</sup>.

Mesmo com a expansão da mão de obra feminina e das conquistas das mulheres, não verificou-se maiores modificações dos papéis de gênero. As mulheres continuaram a ocupar espaços que historicamente sempre foram ocupados por elas<sup>45</sup>. Assim, percebe-se que, retomada a situação de normalidade da economia, há o resgate do padrão social preexistente - a mulher na condição de esposa e mãe e homem no papel de provedor. Na visão da historiadora Françoise Thébaud<sup>46</sup>,

---

<sup>40</sup> Cf. PIDGEON, Mary Elizabeth. **Changes in women's employment during the war**. US Government Printing Office, 1944. p. 2

<sup>41</sup> Alguns dos cartazes divulgados pelo Ministério do Trabalho norte-americano carregavam os dizeres “Faça o trabalho que ele deixou para trás”; “Estou orgulhosa... Meu marido quer que eu faça minha parte”; “Saudade não o trata de volta cedo... Arranje um emprego de guerra”; “Consiga um emprego de guerra, ajude-o a ganhar” (US Employment Service, 1943-44 apud ALMEIDA; DE JESUS, 2016)

<sup>42</sup> ALMEIDA, Isis Furtado; DE JESUS, Cassiano Celestino. **O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. BOLETIM HISTORIAR, n. 14, 2016. p. 5

<sup>43</sup> SCHWEITZER, Mary M. **World War II and Female Labor Force Participation Rates**. The Journal of Economic History, v. 40, n. 1, 1980. p. 89-95

<sup>44</sup> Ibidem, op. cit.

<sup>45</sup> SCHWEITZER, Mary M. **World War II and Female Labor Force Participation Rates**. The Journal of Economic History, v. 40, n. 1, 1980. p. 89-95

<sup>46</sup> 1995, apud ALMEIDA; DE JESUS, 2016

[...] nos momentos posteriores a tais conflitos, tinha chegado o momento de ceder os lugares conquistados. Rotuladas de oportunistas e muitas vezes de incapazes, são convidadas a regressar ao lar e às tarefas femininas, em nome do direito dos antigos combatentes, e da reconstrução nacional. Um resistem, outras aceitam. A desmobilização feminina é, por toda a parte, rápida e brutal, particularmente para as operárias de guerra, as primeiras a serem despedidas. (THÉBAUD, 1995, apud ALMEIDA; DE JESUS, 2016. p. 4)

## 5. Conclusão

Assim, constata-se que, o progresso na inserção da mulher em ambientes não determinados a ela, mostrado pelos números, não reflete propriamente a realidade dos fatos. A necessidade da força de trabalho feminina nos momentos de dificuldade de reprodução do sistema, só prova que, sim, a mulher é enxergada socialmente e economicamente como uma substituição, uma força secundária. Quando o homem - considerado provedor da família e o responsável por manter a ordem do lar e da sociedade - encontra-se ausente, o trabalho da mulher - tida como encarregada das tarefas domésticas, de cuidado e de reprodução - é demandado para preencher espaços não destinados a ela.

Além disso, no momento em que ocupam tais espaços, são mostradas cotidianamente que, naturalmente, não pertencem a esses ambientes, que não são a força principal e que, por terem uma mão de obra classificada como inferior e menos qualificada, apenas desempenham um papel de suplementares, secundárias.

O protagonismo feminino só existe em lugares onde a mulher é maioria - que acontece majoritariamente nos âmbitos doméstico, de cuidado e de reprodução. Todavia, os próprios espaços protagonizados pelas mulheres são secundarizados socialmente, sendo vistos como menos importantes e não relevantes. Mesmo com conquista de espaços, as atribuições de gênero estão sempre presentes, relembrando as mulheres seu devido lugar na sociedade.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007. São Paulo.

ALMEIDA, Isis Furtado; DE JESUS, Cassiano Celestino. **O Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra Mundial**. BOLETIM HISTORIAR, n. 14, 2016.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; TAVARES, Maria Conceição. **A Mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano**. In: O Poder Americano. Editora: Vozes. Petrópolis. p. 111-138.

CENSUS BUREAU. **A Look at the 1940 Census**. Disponível em <[https://www.census.gov/newsroom/cspan/1940census/CSPAN\\_1940slides.pdf](https://www.census.gov/newsroom/cspan/1940census/CSPAN_1940slides.pdf)> Acesso em: 26 de novembro de 2017.

DUARTE, Gabryela; GUIMARÃES, Esther Maria; MENDES, Isabella; MARTINS, Thaine. **As mãos invisíveis do cuidado: vozes feministas por outra Economia Política**. In: Encontro Nacional de Economia Política, 22, 2017. Campinas.

FRAGOSO, V. S.; Damião de Lima . **Redefinições do papel da mulher na sociedade e na família após a II guerra mundial**. In: Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais. João Pessoa, 2007.

HUBERMAN, Leo. **Historia da riqueza do homem**. 21. ed. rev. - Rio de Janeiro: LTC, 1986.

JESSUP, Philip C. **The "Neutrality Act of 1939"**. The American Journal of International Law, v. 34, n. 1, p. 95-99, 1940.

MAZZUCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras**. Unesp, 2009.

MORENO, Renata. **ALÉM DO QUE SE VÊ: Uma leitura das contribuições do feminismo para a economia**. Dissertação - UFABC: Universidade Federal do ABC. Santo André, 2013.

PIDGEON, Mary Elizabeth. **Changes in women's employment during the war**. US Government Printing Office, 1944.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHWEITZER, Mary M. **World War II and Female Labor Force Participation Rates**. The Journal of Economic History, v. 40, n. 1, p. 89-95, 1980.

WORLD WAR II FOUNDATION. **World War II Facts and Figures**. Disponível em <<http://www.wwiifoundation.org/students/wwii-facts-figures/>> Acesso em: 26 de novembro de 2017.